



INVERNO NUCLEAR: UM CASO PARA REDUÇÃO DE ARMAS E DEFESA

Jake Garn

O cenário do inverno nuclear — na realidade um pormenorizado relato do devastador impacto ambiental do conflito nuclear transformou-se na nova grande causa de defensores e críticos do congelamento nuclear das políticas de defesa dos EUA. Ainda assim, não há onde encontrar uma causa mais premente para as reduções das armas atômicas e as defesas estratégicas.

Diversos estudos do inverno nuclear concluíram que o uso de uma fração, ainda que pequena, das armas atômicas que hoje existem resultaria nas conseqüências mais destruidoras já concebidas pela mente humana. Em resposta a esse quadro espectral, há quem proponha um congelamento nuclear para os estoques dessas armas norte-americanas e soviéticas existentes.

É difícil encontrar alguma lógi-

ca em uma "solução" para o pesadelo do inverno nuclear que aferrolha os atuais níveis de armamento nuclear, no ponto em que se encontram, rejeitando ainda assim os propostos esforços de redução das armas, fulcro das propostas norte-americanas S.T.A.R.T. e INF para controle de armas.

O que deveria dizer-nos o cenário do inverno nuclear é que não se deve perder tempo, nem poupar esforços para conseguir reduções verificáveis nos arsenais nucleares de ambas as superpotências. Em particular, deveria atentar-se especialmente para a redução dos mais desestabilizadores tipos de armas, de primeiro ataque — especialmente os ICBMS soviéticos — os quais, por si mesmos, são inigualáveis em despertar o espectro da destruição, vislumbrado pelos analistas do inverno nuclear.

Ainda que um congelamento nuclear representasse um objetivo desejável (algo que eu discutiria), exigiria longas e árduas negociações, para terminar em acordo. O debate do ano passado, na Câmara, sobre a resolução de congelamento nuclear, salientou algumas das dificuldades que se apresentam para resolver questões que dizem respeito às forças que deveriam ser congeladas, e relativas à maneira pela qual seria verificada a observância dos termos de um acordo.

Foi grande o desacordo quanto à conveniência de proibir qualquer modernização de nossa força terrestre, submarina, ou aérea. Muitos defensores do congelamento reconhecem as positivas contribuições desses sistemas para a dissuasão e a estabilidade. Assim, o apoio reside dentro dos escalões do Congresso, nos defensores do congelamento para o ICBM de pequeno porte (Midgetman), para o submarino Trident, e o B-1, ou "Stealth", programas de bombardeio estratégico. Igualmente discordante foi o debate sobre os meios efetivos de verificação — questão que adquiriu maior importância à luz das violações soviéticas do tratado de controle de armas.

Se o debate se tornou tão árduo, em uma Câmara controlada pelos democratas, quão mais árdua não seria a tarefa de resolver essas questões com renitentes negociadores soviéticos, de maneira satisfatória para os interesses dos EUA e seus aliados? E depois de sermos bem sucedidos em negociar um congelamento, o que nos restaria

para demonstrá-lo não passaria da codificação dos níveis da força atômica, capazes de tirar o sono dos peritos em inverno nuclear — e certamente o tirariam.

Portanto, as análises do inverno nuclear reforçam de fato a questão de negociações para proporcionar reduções verificáveis nos arsenais nucleares de ambas as superpotências. As propostas S.T.A.R.T. e INF dos EUA apresentam um esquema para alcançar o progresso no campo do controle das armas nucleares. Um acordo baseado nas propostas norte-americanas introduziria substanciais reduções nas armas atômicas (tanto quanto um terço do número de ogivas de míssil balístico no caso das S.T.A.R.T.). O principal obstáculo, hoje, é a falta de disposição da União Soviética a regressar à mesa de negociações; para os EUA é impossível chegar a um acordo, sem a participação ou a cooperação soviética.

Outro elemento fundamental da política nuclear norte-americana, a dissuasão, mais exatamente, também é reafirmado pelas conclusões dos estudos do inverno nuclear. Nas palavras de Michael Quinlan, funcionário civil inglês, a dissuasão implica a transmissão de uma mensagem basicamente simples.

"Diz a mensagem, 'A Quem Interessar Possa: Se me atacares, resistirei; resistirei até que pares, ou que as forças me falhem; e, neste caso, minhas forças não me falharão enquanto eu não te inflija um dano tão sério que te sentirás, ao final, bem pior do que se nunca

houvesse começado; portanto, não comesces," (a ênfase é minha).

Há mais de três décadas, a dissuasão vem representando o tema principal da política nuclear norte-americana. Contudo, as exigências da dissuasão têm sido continuamente revisadas, em conformidade. A iniciativa de defesa estratégica do Presidente Reagan, que visa a revisão de alternativas para a defesa contra um ataque atômico, representa tanto um desenvolvimento desse processo de revisão, quanto uma importante abertura conceitual para a assunção de que se torna necessário pensar à respei-

to do desafio de preservar a paz nuclear ao longo do próximo século. Essa iniciativa deveria ser apoiada com entusiasmo por todos aqueles que consideram seriamente a perspectiva do inverno nuclear.

Portanto, na análise final, os estudos do inverno nuclear demonstram claramente que a política norte-americana de rejeição do congelamento em favor de reduções negociadas nas armas nucleares, ao mesmo tempo em que se revisam as opções defensivas para a proteção contra um ataque, apresenta uma sólida base para a segurança, a estabilidade, e a sensatez na era nuclear.

O Senador Jake Garn é membro da Comissão Especial de Inteligência do Senado dos EUA. Este artigo foi publicado originalmente no "Christian Science Monitor".)

